

Pedro Rhuay

Enquanto eu não te encontre



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Álcool

Conteúdo sexual explícito

Discriminação
e preconceito

Homofobia

Trauma

*A todos os que nunca imaginaram
que a vida poderia ter um sabor a comédia romântica*



PLAYLIST

ENQUANTO EU NÃO TE ENCONTRO



LÊ O CÓDIGO NO SPOTIFY!

-
- 1** Prólogo
 - 2** Contador de História
 - 3** Enquanto eu não te encontro
 - 4** Livres
 - 5** Desastre
 - 6** Diário Secreto
 - 7** Titanic
 - 8** Viver Agora
 - 9** Naufrágio
 - 10** Festoxonar
 - 11** Não sei quando vou te ver outra vez
 - 12** Fim?
 - 13** Nosso final feliz



Queridos leitores,
Por que livros não poderiam ter uma banda sonora inédita? *Enquanto Eu Não Te Encontro* respira meu universo musical, e vocês podem ler o livro ouvindo canções originais que eu compus, cantei e gravei para a história! Esse é o meu presente: uma viagem ainda mais imersiva nos encontros e desencontros de Lucas e Pierre, dois garotos destinados a se amar. Coloque o fone de ouvido, faça a leitura do código e entre no Rhuasverso!





**PRI
MEI
RO**

EN CON TRO

Junho de 2015





Hello, it's me

Se me pedissem para me descrever com uma palavra, não hesitaria em escolher «desastrado».

Vê bem, não é uma escolha infundada. De acordo com a fonte de pesquisa mais confiável da internet (alô, Wikipédia, tudo bem?), «desastre» vem do latim *dis* (que significa «mau», «contrário») + *aster* (ou *astrum*, «astro»). Em resumo, uma desgraça causada pela influência negativa ou danosa dos astros.

Não sei até que ponto é que o meu mapa astral é o culpado pelas minhas fatalidades diárias, mas é melhor do que acreditar que sou eu quem as causa, não é?

Achava que sair de Luna do Norte — a minúscula cidade onde nasci, tão pacata quanto cruel — resolveria os meus problemas, como se o lugar fosse o único culpado por eles existirem.

No secundário, eu e os meus amigos passávamos horas a debater sobre universidades e todas as aventuras que nos aguardavam na capital. Projetávamos o futuro mais do que vivíamos o presente, eternamente à espera de dias melhores quando não seríamos menos do que éramos; quando não seria preciso escondermo-nos.

Pensei que os desastres, a falta de privacidade e a sensação de não pertencer àquele lugar acabariam quando me mudasse para Natal. Até começar a morar na cidade, claro, e descobrir que não passava de

um interior com mais centros comerciais e praias, e que as soluções imediatas não viriam com tanta facilidade.

O meu melhor amigo, Eric Santos, tem uma teoria.

Segundo ele, os meus chacras vão alinhar-se quando arranjar um namorado. Como que por magia, vai tudo começar a dar certo.

Discordo. É muito fácil achar que um homem seria a solução para os meus problemas. Isso não é, sei lá, a antítese do empoderamento? Esperar que uma força externa seja a fonte da minha felicidade, que só consigo sentir-me bem com alguém ao meu lado?

A questão é: por mais que renegue a parte de mim que chora com comédias românticas e que escreve longas cartas aos amores que nunca tive, só me imagino a viver um romance da maneira mais *Sessão da Tarde* possível.

Como diria a Katy Perry, a deusa maior a quem eu e a minha casa decidimos servir, se não é como nos filmes, nem é para ser.

(Viver numa bolha arco-íris cheia de purpurina e referências questionáveis sobre divas pop é o meu maior porto seguro.)

Infelizmente, essa pessoa idealizada nunca chega e a presença masculina na minha vida reduz-se ao Eric. Nos últimos tempos, porém, nem sequer consigo contar muito com ele. Desde que conheceu o Raul, o boy que arranjou na nossa SEGUNDA (!!!) festa em Natal, que o meu amigo se esqueceu de mim.

Não são ciúmes, OK? O Eri *merece* um romance fofinho após uma vida de negação e silenciamento em Luna do Norte. Adoro vê-lo viver com mais liberdade; é a minha sensação de vazio que me entristece.

Antes, éramos nós os dois contra o mundo, a protegermo-nos num Coliseu cercado de leões esfomeados. É estranho que, agora que chegámos exatamente onde queríamos, estejamos distantes.

Provavelmente é uma jogada arriscada, mas decido enviar-lhe uma mensagem.

Vens comer a casa, princesa?

Acabei de fazer o almoço

Eu

Escrevo num acesso de carência, acrescentando o meme do Gato das Botas — os olhinhos esbugalhados são um reflexo da minha saudade. O Eri responde logo com uma imagem da Gretchen a chorar.

Dsc!p, amigo. Não vai dar.

O Raul fez-nos comida.

E

É assim desde o início do namoro. Pensei que seria um caso de uma noite, mas eles engataram tão depressa que era quase inacreditável. Em menos de um mês oficializaram a relação, com direito a pedido no Iate Clube, buquê de flores e jantar à luz das velas. Juro.

Ignoro a mensagem, largo o telemóvel na bancada e suspiro. É um dia quente em Natal. As cortinas floridas da avó Lusa filtram a luz que vem de fora. Ajuda que o nosso pequeno apartamento seja ventilado. São dois quartos, uma casa de banho, sala de jantar/estar e uma varandinha cheia de plantas.

As paredes da sala são decoradas com ilustrações que o Eric e outros amigos criaram. Uma é o desenho de uma vagina colorida esculpida numa goiaba (autoria da nossa melhor amiga, Ana) e outra — de longe a minha preferida — somos eu e o Eric abraçados numa versão de *Os Simpsons*.

É tudo muito simples, mas a nossa cara. Se me perguntassem, diria que é o meu lugar favorito no mundo.



Depois de comer, sou vencido pelo cansaço e adormeço a ver a série *Anatomia de Grey*. Só acordo horas depois, quando a porta da sala é subitamente escancarada. O meu primeiro pensamento é «AS-SALTO!», mas a realidade é pior: o Eric invade a casa estragando *Bad Romance* com aquela voz que é o cúmulo da desafinação.

O rosto sorridente transpira tanta felicidade que é óbvio que fez sexo. Sexo louco, suado e selvagem.

A vida é injusta.

— QUERES MATAR-ME DO CORAÇÃO, BICHA?

Atiro-lhe a primeira almofada que encontro, o meu peito ainda a bater acelerado. O Eric agarra-a no ar e atira-a de volta, acertando-me de raspão na cara.

— A que coração te referes?

Ele esparrama-se no sofá. O seu cabelo foi rapado há pouco tempo, os lados precisamente geométricos. Um arranhão de unha, quase impercetível, sobe-lhe pelo antebraço esquerdo; há um chupão no cantinho do pescoço em que ninguém, exceto eu, repararia.

— Como te sentes, paixão do meu viver?

— Bem — respondo.

— Uau, que receção calorosa, Lu — troça ele.

— De nada?

— Que bicho te mordeu, hã?

Quando o ignoro, o Eric suspira e abre as cortinas. Lá fora, o céu exhibe a paleta do fim da tarde, nuvens cor-de-rosa a mover-se lentamente.

— Saudades do Lucas que me obrigava a sair todo o santo dia quando viemos pra Natal.

— Saudades do amigo que *saía* comigo todo o santo dia.

— E qual é o plano, então? Ficar a ver essa seca de série o resto da noite? — O Eric sinaliza a imagem na TV, o rosto paralisado de Patrick Dempsey sorrindo de orelha a orelha.

— Nem me lembro da última vez que saímos, Eri. Desde que começaste a namorar...

— Ai, lá vem. O que foi, Lu?

— Nem parece que moras aqui.

— Isso é mentira — diz ele, e eu fulmino-o com o olhar. — Tá. Confesso que não tenho sido um amigo assim *tão* presente...

— Totalmente ausente...

— Mas quero compensar-te.

Cruzo os braços à frente do peito e o Eric aproxima-se.

— E se sairmos hoje? — propõe.

— Para onde?

— Não tens nenhum plano aí nessa tua cabecinha maquiavélica de katycat?

— Porque teria, little monster?

— Porque é sábado? — a sua voz afina. — Internacionalmente conhecido como o dia de emplacarmos mais um número um na Billboard?

— Isso seria novidade para a Gaga.

— Pelo menos ela canta, sim, fofa? Ao contrário de certas desafinadas cheias de números um por aí.

Rio-me. Se começarmos a discutir pela Katy Perry e a Lady Gaga, a discussão nunca acaba.

— Bem, eu estou totalmente por fora da cena — digo.

É verdade. Nem trabalhei com essa hipótese. Imaginei que ele dormiria com o Raul — outra vez — e que eu passaria uma triste madrugada solitária a compensar o isolamento sexual de uma vida inteira com rapidinhas e amassos no *The Sims* — outra vez.

— Deixa comigo.

Eric pega no telemóvel. Deve estar a ver as festas da noite ou a enviar uma mensagem para o nosso grupo no WhatsApp, a sondar os planos do pessoal. Ele é mais ativo do que eu (este comentário é 100 % desprovido de conotação sexual) — está habituado a tomar a iniciativa, e quando quer algo, não há quem o segure. Normalmente, deixo-o assumir a liderança.



— Encontraste alguma coisa que preste? — pergunto algum tempo depois, sentindo-me mais animado com a ideia.

— Mais ou menos. Pelo que vi, um pessoal vai para a Ribeira e outro confirmou presença na festa de abertura do Titanic. Mas não sei. Estou a achar tudo caro.

Titanic?

— Pera aí, bicha — digo. — Disseste o quê?

— Que é a inauguração do Titanic?

Ele estreita os olhos.

Salto do sofá.

— A SÉRIO QUE HOJE É A INAUGURAÇÃO DO TITANIC?

— Sim? — responde ele cuidadosamente.

— AAAAAAAAAAAAAA — passo-me, atirando as almofadas para cima enquanto o Eric olha para mim em choque.

OK, OK. Desculpa! Tu mereces uma explicação: o Titanic é uma discoteca novinha em folha, localizada à beira-mar na praia mais famosa da cidade, Ponta Negra. Estou à espera da abertura desde que saiu o primeiro flyer. Nem posso acreditar que é hoje!

Como pude esquecer? É o evento do ano. Vai lá estar toda a gente. TODA! A! GENTE! Não que eu conheça toda a gente com a minha popularidade mais limitada do que internet a rádio no interior, mas... TODA A GENTE! Incluindo várias drags incríveis de Natal, como Kaya Conky, Ciara Leglam e Potyguara Bardo.

— Queres ir? — pergunta o Eri.

— ÓBVIO!

— Uhuuu! — comemora, pondo a tocar *Hoje*, da Ludmilla. Acabamos os dois a dançar como babuínos ensandecidos na sala. Ele desce até ao chão e eu tento fazer um quadradinho, mas o meu cu é demasiado travado e o resultado não é nada satisfatório.

Depois da euforia com o Titanic, entra no ar «Nos capítulos anteriores da vida de Lucas & Eric». Eu atualizo-o sobre uma discussão que tive na aula com um colega que disse «homossexualismo» em



vez de «homossexualidade», e ele testa a minha paciência narrando a tarde perfeita com o Raul.

— ... e depois disse-lhe assim: amor, não achas que devíamos tentar uma posição mais desafiante?

— E ele?

— Disse que sim, e depois lembrei-me daquele link que a Ana nos mandou no grupo sobre o *Kama Sutra* gay, sabes? E fui pesquisar no Google.

— Calma, bicha — digo, arqueando a sobrancelha. — Vocês interromperam a foda para ver o *Kama Sutra*?

O Eric faz uma pausa enquanto analisa a minha reação, roendo as unhas.

— Uhum.

— Não que eu tenha alguma experiência, mas isso não é meio broxante?

— Não. — O Eric sacode os ombros. — Tipo, causa uma *broxadinha*, claro, mas depois conseguimos voltar para o hype super-rápido. Rio-me.

— Tá boooom, demasiada informação para o meu gosto. É melhor pararmos por aqui. — Afasto-me dele no sofá.

— Olha, e porquê?

— Porque é o tipo de cenas que só tu e o Raul precisam de saber.

— De certeza? Nem sequer queres que chegue à parte em que o título do post era «10 posições inusitadas para testar com o parceiro e ter uma noite inesquecível»? — insiste o Eric. — E que há uma posição chamada «yin-yang no ar»?

— Miga, CHEGAAA!

— E que há outra chamada «mergulho de pirarucu»? — continua ele.

— WHAAAT?! MERGULHO DO QUÊ???

Rimos histericamente. Adoro a gargalhada dele porque me lembra um jumento a relinchar.



Sinto falta de momentos como este. Da leveza que é estar ao lado do meu melhor amigo a dizer parvoíces sem precisar de me preocupar com nada.

— A tua sorte é que o Raul continua a topar essas tuas cenas.

— É mesmo — suspira ele, deitando a cabeça no meu colo.

— Diz-me uma coisa: qual é a vossa? — atrevo-me a perguntar.
— Conversam ou passam o dia a comer-se como dois tamanduás ninfomaníacos?

— Nós apenas nos damos bem, Lu. Não farias esse tipo de pergunta se já te tivesses apaixonado.

E lá está: o dedo na ferida. Ele tem razão.

Não faço *ideia* de como é apaixonar-me, então, sinceramente, quem sou eu para dar palpites sobre relacionamentos? Tudo o que sei vem de filmes, livros e séries, e de uma observação limitada dos casais ao meu redor; nada *meu*.

— É o que tu disseste mais cedo. Não tenho coração...

— Tava a brincar, seu tonto! Claro que tens. O teu coração é gracioso, bondoso, magnífico! — exagera o Eri. — A pessoa que vai ver isso como tu mereces está prestes a aparecer.

— Duvido.

— A sério. Nunca sabemos o que o Universo está a tramar. Talvez até conheças o teu príncipe encantado hoje, no Titanic — profetiza. De uns tempos para cá, menciona cada vez mais o «Universo», esse conceito abstrato que eu não entendo muito bem.

— Até parece. — Dou-lhe umas festinhas no cabelo. — É mais fácil que seja um sapo, Eri, e, de qualquer forma, NÃO? Não quero sequer pensar em machos. Hoje a minha atenção exclusiva é para o meu melhor amigo do Brasil inteiro!

O Eric pigarreia, levantando-se do sofá em posição de súplica.

— Sobre isso... — Mau sinal. Olho para ele com cara de chateado antes de saber a bomba. — Desculpa, desculpa, desculpa, Lu, mas convidei o Raul pra ir connosco...

— FALSO! — grito, atirando-lhe novamente uma das almofadas do sofá.

— Não me odeies, por favor!

Atiro outra almofada.

— Pensei que seríamos só nós hoje!

— Eu sei, eu sei...

E mais outra.

— Lembras-te do que prometeste depois de termos estado em casa da Ana?

— Claro que me lembro. Mas tens de entender que...

— Que preciso de ficar sempre a fazer de vela?

— Que é isso que acontece quando se começa a namorar!

— Poupa-me.

Ele faz beicinho e aninha-se em mim outra vez como o cachorrinho que é. Não recuo porque tenho o coração demasiado mole e um papelinho eternamente pregado à testa onde diz «OTÁRIO».

— Desculpa — a voz dele suaviza. — Fica para a próxima, tá? Prometo que para a próxima vai ser como nos velhos tempos.

Velhos tempos.

Estamos em Natal há menos de um ano e a vida pregressa em Luna do Norte é comparável às histórias do Antigo Testamento. A este ritmo, fica difícil saber onde vamos parar.

Várias notificações começam a chegar ao telemóvel do Eric, salvando-o do confronto.

— É o Raul. — Ele sorri para mim. — Está a perguntar a que horas queremos ir. Disse que nos dá boleia.

(Chamem-me interessado, mas, na minha cabeça, é para isso que o Raul serve: para nos dar boleia.)

Combinamos sair às onze, e vejo quando o rosto do Eric ruboriza até atingir a cor de uma acerola madura.

— Porque estás todo vermelhinho, hã? — pergunto.

— Não é nada...



— Ei, senhora, eu conheço-te! Não me escondas nada! Quer dizer, nada *exceto* uma nude! Não quero ver nudes do teu namorado! Ou tuas!

— Não é nada de mais — diz ele, tímido. — E não é uma nude, Lu. O Raul está só a perguntar-me se recuperei do... hã... tu sabes.

— Do quê?

— Da cena do yin-yang.

— Vocês são NOJENTOS!

Não me controlo e rebento em gargalhadas, rindo até me engasgar. O Eric acompanha-me. Não tenho dúvidas: o que quer que nos reserve, esta noite promete.



Cachaça é melhor do que vodca

Quando eu era pequeno, a minha mãe apanhou-me no seu quarto numa posição inusitada.

A Laura e eu, a minha fiel e magricelas companheira de traquinagens, brincávamos a desafiar as convenções de género reinantes. Enquanto ela usava peças do meu guarda-roupa, eu alternava feliz da vida entre as saias, os colares e os sutiãs da minha mainha, claramente a viver *o momento do século*.

Foi uma pena que não tivesse calculado bem o retorno da matriarca. Ao escancarar a porta do quarto, ela encontrou-me num dos seus vestidos preferidos, calçado com as sandálias de gladiador rosa-choque da Laura (a grande febre da época), e a boca pintada com o batom vermelho mais berrante da sua nécessaire.

Para piorar, estávamos no meio de um «aserehe-ra-de-re», a dançar e a saltar enlouquecidamente o *Ragatanga* das Rouge em cima da cama.

Poucas vezes vi a minha mãe tão abalada como naquela tarde abafada de abril, anos atrás. Ela era calma e paciente; ver a decepção no seu rosto dilacerou-me.

Lembro-me de tentar tirar o vestido à pressa e acabar por tropeçar na Laura, que, *bum*, bateu com a cabeça na cabeceira da cama e começou a chorar.

O CD das Rouge, completamente riscado, entrou num loop no meio do «buididipi» e a mainha desconectou o som da tomada.

Quando a Laurinha parou de chorar, desconfortável no meu macacão dos *Bananas de Pijamas*, a minha mãe mandou-nos trocar de roupa, lavar a cara e arrumar a bagunça. O seu olhar vacilava entre um «não acredito no que estou a ver!» e um atordoado «o que se passa aqui, meu Deus?». Não levantou um dedo nem gritou, mas a forma como olhou para nós...

«Falamos depois», disse ela cerimoniosamente sobre um diálogo que, como outros, acabou por nunca acontecer.

Eu não entendia o porquê de não poder brincar com as roupas da mainha se todos me encorajavam a usar as do meu pai.

Também não compreendia o motivo pelo qual devia fazer aquilo em segredo.

Quando somos crianças, porém, não demoramos a dar-nos conta de um acordo velado sobre o que se adequa ou não a meninos e meninas. Passado um tempo, percebemos que algumas regras estúpidas são seguidas sem ninguém questionar, e não me refiro apenas à idiotice do azul versus rosa.

Ser ovelha arco-íris naquele rebanho cinzento foi complicado.

Eu amava bonecas. Amava inventar as suas histórias de amor e infortúnios. Principalmente, amava toda a ideia do tal «universo feminino»: as roupas com lantejoulas, Lilica Ripilica e afins, *Madeline*, as bonecas de pano e cada uma das princesas da Disney (a minha preferida era a Aurora e o vestido maravilhoso que mudava de cor). Era um mundo que, gostasse ou não, estava impedido de conhecer como queria.

Recordo-me de matutar bastante sobre a melhor opção: fingir contentar-me com os estúpidos carrinhos da Hot Wheels ou fugir sorrateiro para a casa da Laura, onde brincaria com a sua invejável coleção de Barbies na barraquinha do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Nem preciso de dizer a opção que escolhia, pois não?



Não sei porque lembro disso enquanto me arranjo para o Titanic. Encaro o espelho, o meu reflexo a sorrir-me de volta. Tento encontrar o meu velho eu ali, o Lucas que brincava com a Laura e as suas bonecas.

Alguém me disse que a infância guarda a maioria das respostas; que só encontramos a verdadeira paz dentro de nós quando curamos a criança ferida que nos habita. Mas quando essa criança não se consegue ver representada em lugar nenhum, entendermo-nos a nós mesmos torna-se difícil.

Na adolescência procurei histórias de pessoas LGBTQIAP+ como eu, mas depois percebi que tinham sido confinadas às entrelinhas: eternos papéis secundários, com mortes dramáticas no final ou sem sequer existir. Fiz uma promessa que, se um dia contasse a minha história, gritaria logo nas primeiras páginas o veado orgulhoso e nordestino que sou. Reparação histórica.

Abro um sorriso. Às vezes não nos damos conta de como o tempo voa. Num instante, eu era a criança veada mais linda do Brasil, com franjinha, pele perfeita e bochechas rechonchudas. No outro, não passava de um jovem universitário ex-borbulhento, parcialmente barbado, pronto para passar a noite a beber e, quem sabe, beijar umas bocas.

— Estás quase pronto, Lu? — O Eric traz-me à realidade. — O Raul está a chegar!

— Quase, miga!

Dou um último retoque no cabelo. É castanho-claro e encaracolado nas pontas, e hoje passo gel e penteio-o para o lado. Visto umas calças skinny branco-acinzentadas, uma camisa amarela e um colar com um pingente em forma de âncora.

Não me sinto feio, mas olhar para o meu reflexo com carinho não é fácil como gostaria. Costumo julgar cada detalhe, da pele, nem



tão clara e nem tão escura, à linha reta e desinteressante das sobran-celhas. Queria ver-me como a pessoa bonita que sou e que todas as dúvidas desaparecessem num sopro. Sei que a mudança não acontece assim, do nada. Mas bem que podia.

Com uma última olhadela, saio do quarto e encontro o Eric na sala. Está impecável. A pele negra, de um tom quase acobreado, brilha com o glitter dourado que espalhou na parte de cima das bochechas. O sorriso, marcado por lábios cheios, é brincalhão.

O Eric também tem apostado numa barba, mas o resultado é tímido. O maior progresso corporal dos últimos tempos é visível nos seus músculos, devido às longas horas no ginásio: os bíceps estão pronunciados na camisa branca com gola em V e as pernas preenchem as calças de ganga apertadas.

Mal parece o antigo Eric, a tímida criança gorda que optaria por um conjunto cinza sem pensar duas vezes. Naquele tempo, usaria qualquer roupa que o camuflasse, como se tentasse andar às margens do mundo.

Para contextualizar melhor, o Eric mudou de tal modo que seria *impossível* reconhecê-lo em contraste ao seu eu-anterior. Foi gordo até ao esticão dos treze anos, e o cabelo crespo volumoso fazia dele a criança mais linda que conheci. Ainda assim, a quantidade de bullying que sofremos na infância sugeria que nem todos concordavam comigo.

Se era difícil para nós sermos gays, soma, no caso do Eric, ser negro + gay + gordo a estudar numa escola pública no interior do Rio Grande do Norte.

Não foi fácil.

Às vezes, por mais que tenhamos mudado, sinto que não deixamos para trás aqueles dias; como se ainda fôssemos assombrados por eles.

— Uau! Que superprodução. — Eu assobio e ele dá uma voltinha. — O teu namorado vai adorar. Estás muito lindo!

— Obrigado, flor. — Ele sorri, colocando a mão no queixo à medida que me avalia. — Sobre o teu look, migo...

— Lá vem.

Cruzo os braços.

— Olha, gostava mesmo de dizer que também estás lindo, mas...

— A minha careta furiosa deve assustá-lo, porque o Eri diz: — Estás um arraso, Lu! GATÃO!

A partir daí, começamos a entrar no mood festivo enquanto o Raul não chega. O Eric põe nossa playlist pop a tocar (a primeira música é *Can't Get You Out of My Head*, da Kylie Minogue, nós a esgoelar no «lalalalalala») e eu fico responsável pela bebida.

Encontro uma garrafa de Pitú escondida no canto do armário. Está pela metade, mas serve. Pego no saleiro e num limão, enchendo dois copinhos de vidro com a cachaça. Em seguida, chamo o Eric.

Ele faz um falsete tipo Melody e rebola na minha direção.

— Tás pronta, Galisteu?

— Bora lá, princesa — diz ele.

Lambemos o sal, pestanejamos juntos e iniciamos a contagem.

— Um... Dois... Três... e meio... e... JÁ!!!

BUUUM! A cachaça queima-me a garganta. Os meus olhos enchem-se de lágrimas e a primeira coisa que faço quando consigo reagir é chupar o limão e lamber o sal.

O Eric faz o mesmo. A Pitú queima-nos a garganta com tanta força que demoramos um bocado a recuperar o fôlego.

— Biiiiicha, explica-me porque é que nunca trocámos essa merda por vodca — questiona o Eric com uma careta.

— Porque — digo, a voz trémula enquanto tento imitar um antigo professor de cultura potiguar — a Pitú é um património cultural imprescindível à formação da identidade sociocultural dos nordestinos.

— Património cultural ou não, isto é horrível! As-que-ro-so! — Ele abre um sorriso. — Bora pra outra dose?



O que posso fazer, não é? Negar? É sábado à noite. A Christina Aguilera canta que quer sentir o momento e eu estou com o Eric, o meu irmãozinho. Não há outra resposta possível.

— Só se for agora.



Já estamos um tiquinho alterados quando o Raul avisa que chegou.

OK.

Talvez mais do que um *tiquinho*.

Não paramos de rir à saída do apartamento, e preciso de o mandar calar a boca porque não quero problemas com o vizinho coxinha do 302 enquanto esperamos pelo elevador.

— Eri — tento roubar-lhe a atenção.

Ele demora a desviar os olhos alcoolizados do Instagram.

— Sim?

— Tenho uma pergunta superséria para te fazer.

— Força — diz ele, alerta, e não consigo não achar graça.

— Lembras-te da última vez que disse «amo-te»?

O Eri ri-se.

— Conversa de bêbado antes da festa começar?

— Médio — admito com uma piscadela. — Mas falando a sério, seu insensível. Quando foi?

— Já há algum tempo, amigo.

— Bom, fica sabendo que te amo. Mesmo que me troques pelo teu namorado, mesmo que te esqueças de mim todas as noites e fins de semana da minha dolorosa existência terrena, eu amo-te, Eric Santos! Muito! Do fundo do coração!

— Aaaai, meu Deeeus, Lucas! Que fofo!

O Eri sopra um beijinho. Mas um beijinho soprado não é suficiente para aplacar a minha saudade. Lanço-me a ele, agarrando-o num desses abraços apertados preciosos.



Em silêncio, a minha cabeça no seu ombro, agradeço pelo Eric, pela nossa amizade e por tudo o que enfrentámos juntos. Nunca deixarei de ser grato pelo irmão que a vida me deu.



O porteiro, o sr. Teteo, prende o Eric numa conversa agitada enquanto o Raul nos espera no carro. Lá dentro, é *Team* da Lorde que toca. Abro a porta traseira e exclamo alegremente:

— Buenas nochees!

— Então, Luca! Tudo bem contigo? — cumprimenta Raul. Já mais ninguém me chama «Luca»; nunca fui fã da alcunha. É meio forçada vinda dele, ou talvez seja a minha birra a falar.

Tentamos dar um abraço desajeitado entre os bancos, o seu perfume doce enjoativo a atingir-me.

— Estou ótimo! E tu?

— Melhor impossível. — Ele sorri. — Sobretudo depois da tarde linda que tivemos juntos.

O Raul tem uma voz fina que combina na perfeição com o seu visual indie-retro-vintage-Tumblr-Pinterest. Hoje está a usar uma camisa branca com a capa do álbum *Froot*, da Marina and the Diamonds, previsivelmente ensacada numa calça jeans cintura alta.

— Já ouvi dizer. O Eri chegou nas nuvens. Cheio de chupões, umas conversas manhosas sobre filosofia chinesa...

— A parte do chupão eu assumo, mas filosofia chinesa? — Ele franze a testa.

— Uhum. Yin-yang, e assim...

O Raul dá-me uma amostra da sua gargalhada calorosa. Ele é branco, super magro e o mais alto de nós os três, com cabelo preto com franja, cara oval com maçãs do rosto altas, olhos castanhos e sobrancelhas arqueadas.

Sempre o achei uma versão pirateada do Justin Bieber.



— Ele contou-te?

— O Eri não me esconde nada, Raul. Tu sabes. Cenas de melhor amigo.

É uma meia-verdade; sinto que ele me tem ocultado algumas coisas recentemente, um bloqueio invisível entre nós.

— O que posso dizer? — responde Raul, os olhos a estudar-me. Não sei muito sobre ele. Sei que o seu avô é de Lisboa, que os pais são separados e que mora com a mãe. O pai, um cirurgião plástico, foi viver para Portugal há um tempo. O Instagram mostra que o Raul está sempre a viajar para lá. Chegou a prometer levar o Eric numa dessas idas, mas não acredito muito que vá acontecer. — A minha meta de vida é fazer o meu namorado feliz.

— E estás a conseguir exemplarmente, amor. — O Eric senta-se no banco do passageiro e dá um beijo estalado no Raul. — Tinhas saudades?

— Durante cada segundo desolador sem ti, amore mio.

O Eric põe a mão no coração. Nem trinta segundos no mesmo ambiente que eles e já quero vomitar.

— E tu estás lindo — acrescenta o Raul. — Só não te ataco porque o Luca está aqui.

— Ah, não seja por isso. Fiquem à vontade para se comerem aí — digo, e encolho os ombros.

— Só quando ele perder esse hálito de cachaça — diz o Raul, meio a brincar, e o Eric dá-lhe uma palmadinha na coxa. Os dois começam a rir sem motivo aparente e eu deixo-me levar, relaxando. Não é porque nem tudo saiu como eu queria que a noite não vai ser fixe. Estamos juntos e é a inauguração do Titanic. O que poderia dar errado?

A Lorde inicia o refrão de *Team* e nós os três cantamos a plenos pulmões. Posso não gostar do Raul, mas as playlists dele são incríveis. Se há algo que nos une é a música. Mesmo que apenas por alguns segundos, sentimo-nos como uma *equipa*. Finalmente, ela roda a chave na ignição e arranca.



O meu Titanic está vivo

Adoro o modo como Natal se transforma ao anoitecer: as luzes alaranjadas dos postes iluminando apenas o suficiente; a brisa marítima que continua a acompanhar-nos de bom grado quando o Sol se recolhe; o clima de praia relaxado.

Não que não ame a caatinga onde cresci. O sertão é a metáfora perfeita para a resistência nordestina, com as suas cores cambiantes e o verde majestoso que uma única gota de água é capaz de provocar. Mas o oceano Atlântico é uma adição maravilhosa à minha rotina.

Esta noite, como esperado, a praia de Ponta Negra, casa do postal de Natal, o Morro do Careca, está apinhada. Há visitantes e potiguares a circular pelo calçadão; levam latinhas de cerveja na mão e bebem água de coco, dividindo-se nos quiosques à linha da água e nos restaurantes do outro lado da pista principal.

Apesar da minha preocupação, não passamos muito tempo à procura de lugar para estacionar. O Raul aproveita a saída milagrosa de um carro para ocupar a vaga, e o Eric comenta como o Universo está «a conspirar a nosso favor».

Do lado de fora, a maresia confunde-se com o aroma de caldo de peixe e camarão frito. Observo as pessoas, os carrinhos de crepes e as ondas da maré cheia a rebentar na contenção de pedras. À minha direita, o Eric e o Raul caminham lado a lado sem dar as mãos.

Sendo formando de ecologia, o Raul precisa apresentar a monografia no mês que vem. Ele reclama que começar a namorar antes de enfrentar a banca dos seus pesadelos não foi a decisão mais acertada.

É para ser uma piada, mas o tom que usa deixa-me de pé atrás.

O Eric responde:

— Considerando a quantidade de trabalho que estou a ter, também não está fácil conciliar.

— Uma bolsa de iniciação científica não é lá grande coisa, amor.

— O Raul ri-se. — E olha que isso é só o início da graduação. É daí para pior.

O Eric assente e tenho vontade de o abanar.

Não é a primeira vez que acontece algo assim. No outro dia, entreouvi o Raul a dizer que o Eric comia demasiado para alguém que se matava no ginásio e que devia fazer uma dieta «a sério». O Raul disse-o em tom casual, como se não fosse nada venenoso.

Sinto-me meio louco por ser o único a perceber que esses comentários são problemáticos. Conheço o Eric. Sei que se sente pressionado a adaptar-se aos padrões, desde a busca pelo «corpo perfeito» no secundário à maneira como apaga a sua feminilidade fora de espaços seguros — um mecanismo de defesa que não raro o magoa.

O Eric não é assumido. É filho de um vereador conservador de direita, de princípios coronelistas e arcaicos, que teme profundamente. Tem a certeza de que o rabugento Dino Santos cortará a ajuda com a nossa renda e que fará da sua vida um inferno, atrapalhando o seu relacionamento com a fofíssima mãe, a dona Lídia, se ele contar que é gay.

Estudante de arquitetura, o Eric diz que só sai do armário quando for «um homossexual independente, formado e assimilado pelo mercado de trabalho». Enquanto isso não acontece, preenche o lattes com o máximo possível de informações, finge que o Raul é só um amigo, que ele próprio é superhétero, e que os meus comentários com memes da Gretchen no Facebook não passam de brincadeiras típicas de brothers.

Quando éramos mais novos, fez-me jurar não contar sobre a sua sexualidade. Uma promessa que mantive solenemente, apesar de nem precisar de prometer. Afinal, um dos mandamentos primordiais da comunidade LGBTQIAP+ é que ninguém deve ser tirado do armário.

Mas será que o Eric não se dá conta de como se apequena perto do Raul, contorcendo-se para caber nas expectativas do namorado? Temo que se perca, que não se priorize. Queria que tivesse ao seu lado alguém que o fizesse brilhar, não que o apagasse.

As minhas tentativas de diálogo não foram bem recebidas. Até citei *As Vantagens de Ser Invisível*, um dos nossos livros preferidos, achando que o faria refletir; o Eric escrevia «Aceitamos o amor que achamos que merecemos» nas margens das páginas dos antigos cadernos. Eu queria que ele se lembrasse disso.

Todas essas preocupações desaparecem quando chegamos ao Titanic.

Nós os três, ao mesmo tempo, sustemos a respiração.

O Raul diz:

— Uau.

O Eric diz:

— Caraças.

E eu:

— Que. Pisão.

A sério! Quem quer que esteja por detrás do empreendimento não mediu esforços para ser fiel à ideia de criar uma discoteca no formato de navio. Não de um navio qualquer, claro, mas do *TITANIC!*

Toda a estrutura externa da discoteca é feita para parecer o navio imortalizado no cinema por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet.

As paredes a simular madeiras são altas. Luzes coloridas escapam de escotilhas espalhadas pelas laterais, e um segurança parrudo está posicionado na entrada, entre a bilheteria e uma espécie de passarela que termina numa imensa porta dourada.

Duas raparigas, uma de longas tranças roxas e outra de cabelo rosa, estão na proa, acima do segurança, no terraço da discoteca. Os seus braços, abertos e entrelaçados, imitam a cena icónica da Rose e do Jack no filme; elas riem-se e beijam-se diante da câmara do telemóvel, encaixado num suporte para fotos.

Atrás delas, a bandeira arco-íris sacode ao vento.

O Raul dá um toque ao Eric. Claro que o Casal do Ano está a planear copiar as miúdas. Até *eu* tiraria uma foto assim se tivesse alguém para, sei lá, chamar de amor.

— OK, é oficial. Este sítio acaba de se tornar no meu favorito em Natal — decreta Raul. Nesse ponto, não consigo discordar.

Vamos para o final da fila e dou uma olhadela aos arredores, à procura de conhecidos. Não reconheço ninguém, exceto um tipo que de certeza que já vi em algum lugar. Talvez um dos meus muitos matches silenciosos colecionados no Tinder?

Seja quem for, é lindo. Pele negra retinta, corte de cabelo estilo militar, sobrançelha esquerda com um risquinho diagonal e camisola sem mangas com a cara da Rihanna em *Man Down*. Deve ter uns vinte e três anos e está inquestionavelmente a sorrir para mim.

Fico atrapalhado e viro-me exasperado para o Eric.

— Não olhes agora — sussurro —, mas acho que está um boy a olhar para mim.

— Onde? — O Eric move-se para espiar por cima do meu ombro, e eu piso-lhe o pé de propósito.

— Ai, Lu!

— Sê mais discreto! — esbravejo, mas depois suavizo: — Ele está perto da rapariga com um vestido de bolinhas amarelas, no meio da fila. Vês?

O Eric finge espreguiçar-se e espreita.

— Gato — dá o seu parecer. — E está *definitivamente* a olhar para cá.

— A sério?

— A sério.

— Ai, meu Deus! O que faço agora, migo?

— Vai lá falar com ele, bicha.

— Eu não vou falar assim com um boy que não conheço no meio de toda a gente!

— Olha, porque não?

— Não sei se percebeste depois de uma vida inteira juntos, Eri, mas não sou tão cara de pau como tu.

— Como achas que consegui este aqui? — O meu amigo aponta para o Raul, que nos observa entretido. — A vida é como aquele samba da Beth Carvalho: «Camarão que dorme a onda leva». Se fosse a ti, não esperaria demasiado para lutar pelo que queres.



ENTRA NO TITANIC, A DISCOTECA ONDE FANTASIAS E SONHOS SE TINGEM DE REALIDADE, E OS AMANTES NAUFRAGAM EM DELEITE!

Lucas ainda não sabe,
mas a sua vida está prestes a mudar.

Na festa de inauguração da discoteca Titanic,
ele cruza-se com Pierre, um rapaz francês
que parece saído de um sonho.

Nenhum encontro é por acaso, e os dois vivem
a melhor festa das suas vidas. Mas, quando a noite
termina, o Universo tem outros planos para eles...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789895832392



9 789895 832392 >